

## TEXTOS

(Sugestões para seminários)

### SETE IGREJAS EM TRÊS QUADRAS

(Carl von Koseritz)

Com o meu amor pelas velharias, a antiga cidade me pareceu mais amável, ainda que possua demasiado número de igrejas, coisa chocante para um homem pouco habituado a elas. A cidade (São Paulo), com os seus 35.000 habitantes, possui nada menos de 19 igrejas, sem contar várias igrejas e conventos que são hoje destinados a fins oficiais, como por exemplo o palácio presidencial. E que igrejas! Edifícios enormes, construídos na sua maior parte de taipa, mas que ainda estão de pé. E será difícil demolí-las, pois com o tempo a taipa empregada, que é de qualidade especial, se petrifica. No coração da cidade, em uma distância de três quadras, se encontram sete igrejas, uma sempre olhando para a outra e, às vezes, nascidas aos pares e se tocando como os irmãos siameses. Antigamente São Paulo tinha 17 conventos, mas agora só possui 4, que são os da Luz, São Bento, Carmo e Santa Teresa. De todos, o dos beneditinos é o mais rico. Não tem monges e é dirigido por um abade vindo da Bahia. Esse abade parece ser informado das novas concepções financeiras, pois alugou os muros da sua igreja para anúncios coloridos, no estilo do Rio.

A cidade tem água abundante e é iluminada a gás. É calçada em quase toda a extensão, mas somente nas ruas principais o calçamento é a paralelepípedos como no Rio. O resto é ainda com pedras irregulares e as calçadas laterais são de grandes lajes de granito. Em todas as praças há carros de aluguel e também se vêem muito belas carruagens particulares, atreladas em excelentes meio-sangues, porque os habitantes do rico São Paulo apreciam muito os cavalos de raça, coisa em que estão fazendo inveja aos riograndenses.

Um particularidade de São Paulo: parece que os paulistas eram em geral idealistas, pois deram nomes curiosos a partes da sua cidade. Assim, o lugar mais solitário da zona nova se chama Campos Elíseos e uma pequena ilha no ribeirão Anhangabaú, onde está o quartel general das

lavadeiras, se chama Ilha dos Amores! o cemitério está na Consolação e a cadeia na Liberdade...

(Imagens do Brasil, p. 254 e 256. Trad. Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo, Martins, (1943). "Bibliot. Hist. Brasil.", v. 13)

\*

## O MÉTODO HISTÓRICO (Políbio)

Se os historiadores que nos precederam tivessem deixado de fazer o elogio da história, talvez fosse necessário querer orientar todos no sentido desta pesquisa e conservação do passado. Não há, com efeito, formação humana mais eficiente do que a da ciência histórica. De fato, é atitude freqüente, quase geral, dizer-se, sem reservas, a todo momento, que não há escola mais autêntica, nem exercício melhor para as questões políticas que as lições da história.

Nada nos ensina poder suportar dignamente as vicissitudes do acaso mais seguramente que a recordação das desgraças de outrem! Nesse sentido, seria perfeitamente inconveniente repetir o que já foi expresso, e bem, por muitos outros; no meu caso sobretudo, onde as novidades dos fatos que nos propomos relatar será mais do que suficiente para atrair e provocar todo mundo a ler minha obra, tanto jovens como velhos.

Haverá homens tão medíocres e preguiçosos que não se sintam satisfeitos ao saber por que meios e por que tipo de regime o mundo quase que inteiro foi dominado, em menos de 50 anos, por uma única potência, os romanos? Isto nunca tinha ocorrido. Por outro lado, poderiam existir homens tão loucamente curiosos a respeito de outra disciplina a ponto de não sacrificar tudo em prol desse gênero de informação histórica?

É próprio da história conhecer primeiramente a veracidade dos acontecimentos que efetivamente ocorreram e, em segundo lugar, descobrir a causa pela qual as palavras ou atos resultam, finalmente, em fracasso ou sucesso. Com efeito, um simples relato pode ser correto sem ter nenhuma utilidade; acrescente-se-lhe em compensação, a exposição da causa e a prática da história torna-se fecunda. Buscando as analogias para aplicá-las a nossos problemas atuais, encontramos meios e indicações para prever o futuro: o passado nos protege, bem como nos fornece um modelo, permitindo-nos realizar nossas empresas sempre mais confiantes.

(Políbio, I-1; XII, 25b, apud Pinsky, Jaime, 100 textos de História Antiga, p. 145. São Paulo, Hucitec, 1972).